

TEATRO DO OPRIMIDO: UMA ÁRVORE FRUTÍFERA NA SAÚDE MENTAL

Kely Juliana Ferreira de Araújo¹
Keila Fonseca e Silva²

RESUMO

Este artigo se debruça sobre o potencial transformador do ensino do teatro e da Pedagogia do Teatro do Oprimido no âmbito da saúde mental, narrando uma experiência realizada entre março e setembro de 2023, em uma instituição psiquiátrica localizada na cidade de Natal/RN. A intervenção envolveu participantes em processo de internação para tratamento de dependência química e/ou transtornos mentais, tendo como principal caminho metodológico as vertentes e técnicas do Teatro do Oprimido, idealizadas pelo teatrólogo Augusto Boal. Com isso, buscou-se investigar quais são as contribuições do ensino do Teatro, a partir deste caminho metodológico, no âmbito da saúde mental. Para tanto, alicerça-se nas reflexões de Larrosa, Freire e Boal, para discorrer sobre o entendimento de experiência, no contexto de uma pedagogia do oprimido, pensando nas teorias e técnicas teatrais. A intervenção apresentada propiciou um espaço fértil para escuta ativa, diálogo e construção coletiva de novas perspectivas. Esta experiência demonstra o potencial transformador do ensino de teatro e do Teatro do Oprimido no contexto da saúde mental. Através da práxis teatral, os participantes foram impulsionados a romper com os ciclos de opressão, construir novas narrativas para suas vidas e trilhar um caminho em direção ao bem-estar e à autonomia. Acredita-se que este relato possa inspirar novas experiências que explorem o potencial do ensino de teatro como linguagem frutífera na saúde mental.

Palavras-chave: Ensino de Teatro; Teatro do Oprimido; Saúde mental.

INTRODUÇÃO

As investigações acerca do ensino do teatro em contextos não escolares ainda são incipientes no âmbito da pedagogia teatral, especialmente quando se trata do contexto hospitalar. Ao analisar os anais das três últimas edições do Congresso ABRACE³ (2016, 2018 e 2021), com ênfase no Grupo de Trabalho intitulado “Pedagogia das Artes Cênicas”, constatamos a ausência de trabalhos que investiguem a aplicação da Pedagogia Teatral no contexto da saúde mental. Tal ausência indica que a pesquisa nessa intersecção entre teatro e saúde mental tem sido sub-representada na

¹ Professora de Teatro pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, Especialista em Ensino de Teatro pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte - IFRN e mestranda em Educação (PPGED - UFRN), kely_juba@hotmail.com;

² Professora orientadora: Doutora em Teatro, Instituto Federal do Rio Grande do Norte - IFRN, keila.fonseca@ifrn.edu.br.

³ Congresso realizado anualmente pela ABRACE (Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas) que reúne pesquisadores, produtores e artistas da cena do país. Informações disponíveis no portal: <https://portallabrace.org/novo2022/>

produção acadêmica brasileira. Além disso, quando estendemos a pesquisa ao Teatro do Oprimido, percebemos que o desenvolvimento de trabalhos é insipiente, com apenas dois estudos identificados nessas edições.

O Teatro do Oprimido é uma forma de teatro participativo desenvolvida pelo dramaturgo brasileiro Augusto Boal, com o objetivo de promover mudanças sociais e pessoais. Este método teatral permite que os participantes, muitas vezes pessoas que vivenciam diversas formas de opressão psicológica e/ou social, expressem suas experiências e emoções por meio da dramatização. Eles são encorajados a atuar não apenas como espectadores, mas como “espect-atores”, capazes de intervir e propor soluções para as situações apresentadas. Dentre as diversas abordagens do Teatro do Oprimido, encontra-se no “Arco-íris do Desejo” uma possibilidade efetiva de abordagem no âmbito da saúde mental. Ao falar sobre a atuação na saúde mental, Boal menciona:

Penso que a arte teatral pode ajudar no tratamento mental se o diretor (Curinga) compreender que o usuário não é um rascunho de ser humano que precisa ser corrigido pelo professor, mas alguém com suas idiossincrasias específicas, que o tornam inadaptado e infeliz no seu meio social (BOAL, 2009, p. 227).

Nesse sentido, a prática parte de uma visão humanizada do indivíduo, que considera suas singularidades e potencialidades sem julgamentos. As relações no teatro, portanto, não são determinadas por diagnósticos ou classificações, mas sim pelas formas como cada pessoa se expressa, se conecta com os outros e vivencia o mundo. Esta concepção é imprescindível ao pensar o trabalho nesse contexto, uma vez que historicamente há um movimento de segregação dessas pessoas.

A abordagem à saúde mental e às patologias a ela associadas, até os dias de hoje, permanece cercada por estigmas e tabus. Isso se deve, em grande parte, à maneira histórica como o conceito de “loucura” foi introduzido, onde a segregação emergiu como a solução mais evidente para aqueles assim rotulados. Historicamente, a sociedade estabeleceu um padrão de normalidade que ignora a diversidade humana e categoriza as pessoas com base em suas diferenças. Aqueles que sofriam de doenças mentais eram frequentemente vistos como elementos à margem da sociedade, impuros e, muitas vezes, “punidos” por supostos pecados. Eles eram submetidos a tratamentos desumanos em hospitais psiquiátricos, cujas condições foram comparadas às dos campos de concentração (Amarante, 2007).

Com o passar do tempo e um processo gradual de desinstitucionalização desses espaços, os hospitais psiquiátricos começaram a adotar novas formas e funções. Apesar da lentidão na evolução desse processo, que continua até hoje, observa-se uma transformação constante no cenário contemporâneo do tratamento em saúde mental. Sendo assim, o indivíduo passa a ser compreendido antes de sua doença, enquanto ser social, capaz e repleto de possibilidades, reconhecendo a pessoa em sua integralidade e humanidade, desenvolvendo e ampliando as suas relações, para que possa estar e viver bem em sociedade. Com isso, abre-se espaço para as atividades artísticas e a exploração da Arte enquanto processo terapêutico, para além de uma ferramenta de cuidado, a Arte pode abrir novos horizontes e possibilitar a criação de pensamentos críticos-políticos-filosóficos sobre a própria existência do indivíduo, sendo capaz ainda, de ofertar um espaço de emancipação. Resgatando um trecho presente em Cristino

Amarante et al. (2012) esclarecem que as intervenções de cunho cultural, relacionadas, sobretudo, a atividades artísticas e expressivas, atualmente, têm se mostrado como estratégias promissoras no sentido de efetuar alterações positivas nas percepções sobre a loucura, desafiando e alterando relações de poder e configurações políticas, criando assim espaços de diálogo na sociedade (CRISTINO, 2016, p.13).

À medida em que as artes conquistam seu lugar na saúde mental, torna-se evidente seu papel também nos tratamentos de internação psiquiátrica. Nesse sentido, a linguagem teatral passa a contribuir, podendo ofertar para além de momentos de ludicidade, verdadeiros momentos de encontro, convívio, relação, comunicação, reconhecimento e redescoberta. É no processo de relacionar-se com o outro, dentro de tantas diferenças em comportamentos, opiniões, interesses e visões de mundo, que aprende-se também a relacionar-se consigo.

Augusto Boal acreditava firmemente no potencial do teatro como um caminho para a mudança social e pessoal. Ele via o teatro como o meio para as pessoas reagirem à opressão e transformarem suas realidades. Assim, este método permite aos indivíduos expressar suas experiências e encontrar maneiras de lidar com desafios psicológicos e sociais. Ao envolver as pessoas em um diálogo ativo e criativo, o Teatro do Oprimido pode oferecer um caminho para a recuperação e o bem-estar mental. No documentário “Augusto Boal e o Teatro do Oprimido”, Boal nos diz que

O teatro é um espelho que nos mostra as nossas virtudes e os nossos vícios, mas ao mesmo tempo é um espelho mágico no qual você pode entrar. Se você não gostou da sua imagem, você entra lá dentro e modifica ela [...] O ato de

transformar é transformador e se eu transformo aquela imagem, estou transformando a mim, então quando o espelho vai embora, eu já estou transformado pela ação que eu pratiquei. (AUGUSTO BOAL E O TEATRO DO OPRIMIDO. Diretor: Zelito Viana. Local: Rio de Janeiro, Mapa Filmes, 2010).

De tal modo, entende-se que o Teatro do Oprimido transcende a arte e pode se estender ao campo da saúde mental, contribuindo significativamente nesse contexto, sendo uma via de transformação a partir das ações cênicas. A prática teatral, sobretudo quando incorpora essa metodologia, tem causado impacto significativo nos processos terapêuticos. Diante disso, surge a necessidade de identificar e compreender as contribuições específicas do Ensino de Teatro e da Pedagogia do Teatro do Oprimido para a saúde mental, bem como reconhecer as transformações que advêm dessa prática artística e pedagógica.

A partir disso, dando enfoque ao ensino de teatro e sua potencialidade quando visto como linguagem, aborda-se neste relato de experiência o caminho percorrido, por meio da análise qualitativa da experiência, a partir da observação dos diários de bordo e relatos dos participantes, com objetivo de descrever, compreender e avaliar as contribuições da intervenção realizada, dialogando com as referências teóricas basilares: Boal (1996; 2012; 2019), Freire (1987; 1992) e Larrosa (2002).

Esta experiência realizou-se numa instituição psiquiátrica da cidade de Natal/RN. Inicialmente, fui contratada pela instituição, juntamente com o professor de teatro Raimundo Nonato da Costa Neto, para trabalhar com a oferta de aulas de teatro. Em nossa proposta de trabalho já contávamos com a abordagem do Teatro do Oprimido e, ao iniciar, tivemos a certeza de que este seria um caminho frutífero a ser percorrido. Motivada pelo que observamos, desenvolve-se este trabalho, considerando o período de 7 meses de intervenção, que vai de março a setembro de 2023, com um quantitativo de em média 185 participantes atendidos, divididos em 6 setores de internação, com dependência química e/ou transtornos mentais.

Desse modo, este trabalho destina-se, principalmente, a professores de teatro e estudantes de cursos de Licenciatura em Teatro que possuem interesse na abordagem teatral enquanto linguagem e na utilização do Teatro do Oprimido na área da saúde mental. De tal forma, pretende-se contribuir com pesquisas nesse campo e motivar a exploração da linguagem teatral como árvore frutífera para a saúde mental.

APRENDA O MEU NOME

Ao chegar neste espaço, não havia concebido pré-conceitos do que encontraria, ao mesmo tempo em que, com o meu pré-conhecimento, estava ciente da necessidade de pensar em caminhos diversos para alcançá-los e, a partir disso, possibilitar a melhor troca de experiências possível. De tal forma, a metodologia foi se construindo ao passo em que as necessidades surgiam e a confiança era estabelecida, para que pudéssemos desenvolver as atividades em um local seguro (internamente) e confortável (externamente). Os vínculos logo foram se estabelecendo, os apelidos de “Doutora” e “Tia” foram recebidos e os sorrisos diários a cada troca começaram a surgir espontaneamente a partir do que fazíamos.

As aulas eram conduzidas sempre por mim e Raimundo Neto, os momentos iniciais foram de trabalho com iniciação teatral, jogos para entrosamento, criação de vínculo e experimentações, uma maneira de conhecer os indivíduos e perceber como as atividades se constituem ali dentro. Inicialmente, almejava-se a criação de um coletivo fixo para criação de espetáculos teatrais. Logo percebeu-se que alguns participantes nos acompanhariam em um curto período de tempo, talvez nunca vivenciando o planejamento que havíamos preparado, outros estariam conosco por um período maior e alguns, entre idas e vindas, vivenciaram partes de um todo. Desse modo, compreendemos que um planejamento contínuo e fechado não seria interessante aos participantes e a real necessidade era ofertar, a cada prática, experiências. No sentido do

(...) que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça (BONDÍA, 2002, p. 21)

Compreendendo essa elasticidade de acontecimentos que só “se passam” no cotidiano acelerado e mecânico, ao mesmo tempo monótono e repetitivo, no qual os participantes estão inseridos, é necessário ofertar um ensino de teatro que funcione como uma via de interrupção das realidades estabelecidas, para a instauração de um novo espaço-tempo no qual as coisas passam, tocam e por fim, acontecem.

Trabalhar no espaço de atravessamentos abre brechas para os lugares sensíveis e talvez, nunca acessados. As práticas, conforme aconteciam, nos denunciavam violências e opressões que marcam cada um desses indivíduos e os aprisionam. Muitas das pessoas em tratamento sofrem com a violência familiar, seja essa marcada com a presença de

parentes abusivos que alimentam relações tóxicas, ou pela ausência de qualquer vínculo afetivo familiar. Além disso, essas pessoas vivenciam diariamente os impactos do preconceito da sociedade, outro fator que os aprisionam e isolam numa bolha. Pensando no contexto socioeconômico, muitos dos indivíduos em tratamento de dependência química e/ou transtornos mentais vivem em situação de extrema vulnerabilidade social, que acarreta, muitas vezes, na moradia em situação de rua.

Essas e outras opressões foram identificadas a partir da instauração de um lugar seguro para a fala e os silêncios dos participantes, com isso, configuramos o caminho para trabalhar com as possibilidades de rompimento de ciclos opressivos. Isso nos mostra a necessidade de utilizar mais fortemente o Teatro do Oprimido, proposto por Augusto Boal, por ser um caminho que oferta, dentro de cada vertente, diferentes formas de denúncia das opressões, de entendimento da condição de oprimido/opressor e de libertação desses ciclos.

No contexto em que esta prática se insere, os mínimos detalhes denunciam o sentimento de opressão, como algo que ocorreu em uma atividade e desde então me atravessa. Eu estava no corredor, na entrada da sala de atividade, durante o convite para a aula. Como de costume, chamamos os participantes para a atividade e nessa tivemos um número limitado, pois se tratava da continuação do último encontro no qual apenas alguns estavam inseridos. Fui chamando alguns participantes pelo nome, os quais eu já havia memorizado pela forte participação nas aulas. Um deles, que eu ainda não sabia o nome, parou na porta, me olhou e disse: “aprenda meu nome, professora!”. Nesse instante fui atravessada pela importância que era, para ele, eu saber o seu nome. Seu nome: 9 letras, que agora repito cotidianamente, sempre que faço o convite para a aula e o recebo, com um sorriso no rosto, por eu saber quem ele é.

Não é apenas sobre saber o nome do outro, é sobre sabê-lo gente, reconhecê-lo, tocá-lo, senti-lo, porque senão isso, o que é a prática teatral? O quão oprimido podemos ser por não sabermos quem somos? Em uma realidade de experiências significativas, não basta passar pela vida das pessoas, é necessário observá-las e deixar que percebam-se observadas, longe dos olhos de julgamento, apenas observadas pelo que são, como são. O que recorda um pensamento de Boal acerca da prática,

E, no entanto, continuamos tocando e é como se nada sentíssemos. Porque uma coisa é TOCAR (um ato puramente corporal, biológico) e outra SENTIR (um ato de consciência). Assim, para que o corpo humano livremente produza teatro é necessário estimulá-lo, desenvolvê-lo, exercitá-lo:

EXERCÍCIOS QUE AJUDEM A SENTIR TUDO QUANTO SE TOCA
(BOAL, 1996, p. 43)

A partir disso inicia-se uma prática pautada no que se pode sentir ao ouvir seu nome ser chamado, antes de chegar à sala, antes de iniciar um jogo, antes de criar uma cena. Ao buscar o grupo em cada setor, cada um deles já é tocado, portanto, foi necessário fazer de todo o caminho um espaço de reconhecimento do outro para que esse pudesse também reconhecer-se e afirmar-se.

TODO O TEMPO FEZ-SE TEATRO DO OPRIMIDO

Nossas aulas, nem todos os dias utilizavam as técnicas do Teatro do Oprimido. Nem todos os dias tratavam de opressão. Mas todos os dias eu sentia que estava fazendo Teatro do Oprimido, em cada momento eu percebia que algo girava na grande engrenagem de cada pessoa, fazendo então com que ela se entendesse dentro de uma realidade opressiva, ou que ela falasse sobre suas opressões, mesmo sem entendê-las enquanto tal.

Fez-se e continua a se fazer, em cada uma dessas circunstâncias tão evidentes, mas também em cada olhar carregado de marcas, em cada toque desesperado por afeto e em cada sorriso solto aos poucos, porque sorrir tornou-se tão difícil que reaprender é um processo. Não é possível falar desta experiência sem a compreensão de que tudo, tudo o que perpassou as aulas nesses 7 meses, era Teatro do Oprimido. Todos os dias ao colocar o pé nesse território, eu sabia que iria fazer Teatro do Oprimido e a minha alegria era ter a chance de fazer com que a cada dia, menos um permanecesse dentro do ciclo de opressão.

Grupo cheio, em média 10 participantes, dia de jogos de improvisação a partir das temáticas que emergiram naquele momento e foram material das nossas últimas aulas, turma dividida em dois grupos e a partir do sorteio com papel, de acordo com os assuntos escolhidos por eles, definiu-se o tema da cena a ser improvisada por cada: Grupo 1 - racismo, Grupo 2 - homofobia. Determinou-se um tempo para que cada grupo construísse a cena curta, organizando-a minimamente.

Aqui destaco o ocorrido com o grupo 2, que apresentou a cena sobre um acontecimento cotidiano, entre supostos amigos. O texto era composto por palavras ofensivas, que foram pronunciadas como *faca amolada*, capaz de cortar até o ar: *“bixinha”*, *“viado”*, *“fresco”*, entre outras. Antes mesmo que pudessemos conduzir a

finalização do exercício, ainda em meio aos aplausos do grupo 1, um dos participantes que assistia a cena levantou chorando, dirigiu-se a um dos colegas que acabara de apresentar e disse: “Me perdoe, eu nunca mais vou fazer isso, irmão, de verdade! Você consegue me perdoar?”.

Nesse momento compreendemos que as palavras lançadas ao ar com tanta aspereza e ao menos tempo, veemência, haviam sido ditas mais cedo, em um momento dos colegas dentro do setor de internação e, como punhal, haviam ferido uma existência. Assistir a força cortante de suas palavras fez com que o indivíduo, mais cedo opressor, se reconhecesse como tal e a partir disso, fosse sujeito transformador no movimento de ruptura desse ciclo.

O momento rendeu uma roda conversa sobre a catarse coletiva que a cena e posteriormente o momento de desculpas causou em todos os presentes, como dois atos no início de um processo de libertação. Talvez de outra forma aquele participante não percebesse que estava sendo homofóbico e opressor, talvez a cena real se repetisse por muitas outras vezes, talvez nunca houvesse um momento de ruptura. Talvez um movimento teatral propício à quebra de ciclos seja um caminho possível para novas configurações de interação, que respeitem a diversidade dos seres e os permitam ser quem são. Esse lugar se instaurou no setor de internação após essa prática.

Tal movimento dialético leva ao entendimento de que mesmo oprimido, muitas vezes, somos opressores. Perceber-se em ambos os lados e refletir sobre essas relações é força motriz na virada de chave para o rompimento de um ciclo que é coletivo.

APROXIMA-SE OUTRA ESTAÇÃO

Entender-se oprimido muitas vezes também é entender o que/quem lhe poda os sonhos, quem limita a vontade de sonhar. Nesse sentido, a opressão vem de muitos âmbitos e lugares, principalmente considerando as pessoas em situação de vulnerabilidade social, econômica e emocional, estas, aprendem desde muito cedo que não têm o direito de sonhar. Portanto, muitas vezes são os próprios opressores de si.

Perceber que de tanto serem invisibilizadas, essas pessoas passaram a invisibilizar suas vontades, nos faz perceber que o movimento de ruptura da opressão deve passar pelo movimento de reaprender a sonhar, pois, principalmente as pessoas em tratamento de transtornos mentais, entendem-se a partir do juízo de valor da sociedade e

inserem-se em uma opressão coletiva, que é exterior e interior, de modo com que “Tudo é organizado para que o louco se reconheça nesse mundo do juízo que o envolve de todos os lados; ele deve saber-se vigiado, julgado e condenado; da falta à punição, a ligação deve ser evidente, como uma culpabilidade reconhecida por todos” (FOUCAULT, 1972, p.545).

Na tentativa de mudar a realidade, de quebrar com os ciclos de opressão e de abrir brechas para a imaginação, começamos a sonhar juntas e juntos. Descobrir as vontades tão negligenciadas, dar brechas para procurar os próprios desejos, dizer para o outro que sim, você pode sonhar, possibilitou a criação de novas realidades e a idealização de novos futuros. O que eu quero ser? O que eu NÃO quero ser? Quais lugares ainda quero conhecer? Para quais lugares NÃO quero voltar? Qual é o meu sonho? O que eu quero? São muitas as perguntas que nunca sequer haviam sido feitas, mas com papel e caneta, começamos a sonhar e respondê-las.

Ofertar a possibilidade de imaginar uma outra realidade fez com que fosse possível observar os sonhos ganhando forma, o brilho no olhar ao criar outros universos possíveis e o compartilhamento dos sonhos, uma vez que após a feitura do mural, fizemos um jogo no qual cada um tinha que apresentar novamente e defender o seu sonho, como se fosse um candidato, que precisava conquistar o apoio dos demais. Tal jogo também oferta, a cada participante, outra chance de conhecer o outro, agora, a partir de como esse se enxerga.

Ao observar esses sonhos, o que percebo é gente, querendo ser gente, buscando ser olhado com carinho, buscando afeto. A grande maioria dos participantes almejam ter uma família, “amar e ser amada”, “trabalhar para sustentar a casa”, ter a “casa própria” “organizada e limpa” em “mundo sem fome”. Sonhos tão humanos e tão básicos. Assim, como um coletivo atencioso, conhecemos e compartilhamos todos esses sonhos, almejando que a cada dia estejam mais perto de se concretizar e torcendo, juntos, para que cada um alcance os seus.

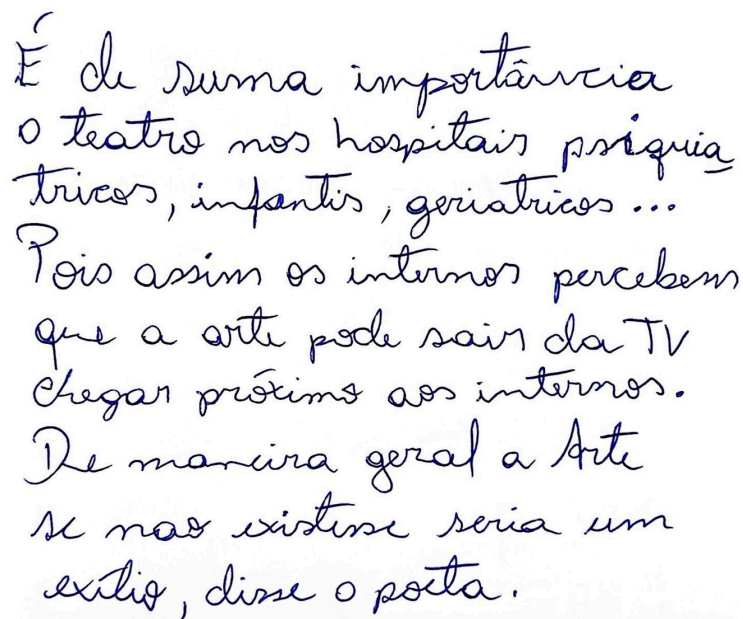
Em outra atividade de histórias improvisadas, dois personagens encontravam-se sozinhos, tristes e pequenos (literalmente pois começavam a cena abaixados). O encontro dos dois faz com que eles pouco a pouco se ergam e, se olhando lentamente, escolham se abraçar, finalizando a cena caminhando, de mãos dadas. Há várias camadas simbólicas nessa cena, a primeira delas é o fato deles escolherem que juntos eram “maiores” e por isso poderiam alcançar um final bom. Outro ponto é o fato de

conseguirem, na própria cena, se olharem atentos e com calma, algo tão difícil no cotidiano que vivenciam, perceber o outro, pois se permitem perceber o outro.

No entanto, o que mais me chamou atenção foi o fato de conseguirem, em cena, abraçar e dar as mãos, um gesto simples que, cotidianamente, não é efetivo, pois muitos estão intrinsecamente arraigados pelo machismo social e sequer se permitem imaginar uma interação que atinja a “masculinidade” exigida socialmente. Esse ponto, que no começo da prática se mostrou de muitas formas, está caminhando em outra direção e isso já dá todo sentido à prática.

Talvez uma nova estação esteja mais perto do que se imagina, talvez após essa prática os rumos possam ser outros, talvez essas pessoas encontrem novas formas de enxergar o outro e assim consigam também se enxergar de uma forma diferente e cuidadosa. Talvez os ciclos de opressão sejam rompidos ao longo do caminho, talvez eles de fato não retornem aos lugares que os oprimem, talvez eles não se coloquem novamente como opressores, talvez possam esperar novas direções. Apesar de só “talvez” ser possível, ofertar essa possibilidade é a grande contribuição da prática teatral. Porque muitas vezes, o ser humano só precisa de uma possibilidade para imaginar. Como dito no presente recebido:

Figura 1 - Mensagem escrita por um participante.



É de suma importância
o teatro nos hospitais psiquiá-
tricos, infantis, geriátricos ...
Pois assim os internos percebem
que a arte pode sair da TV
chegar próximos aos internos.
De maneira geral a arte
se nos existisse seria um
exílio, disse o poeta.

Fonte: Acervo pessoal (2023).

O poeta muito bem nos explicou e pouco eu teria para acrescentar, foi bonito ver o desabrochar da arte em um contexto emocional tão carente de rotas de fuga ou rotas de encontro. Trilhamos de forma potente todas as rotas que surgiram ao longo do caminho e entre ganhos e perdas, aprendemos um pouco mais sobre o outro, desprendemos um pouco mais dos nossos preconceitos e, acima de tudo, mudamos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As contribuições do Ensino do Teatro no contexto da Saúde Mental são inúmeras e valiosas. Há, em vários níveis, o resultado de tal iniciativa, desde a abordagem mais básica, com jogos simples, até o aprofundamento em determinada linguagem, como a utilização das técnicas do Teatro do Oprimido.

A partir da percepção das necessidades de cada coletivo e indivíduo parte deste, o teatro oferece novas possibilidades de imaginação e com isso, ensaia novas possibilidades reais para a vida. Poderia destacar esta como uma das principais contribuições, oferecer ao outro o poder de sonhar com uma nova vida, dizer que é possível imaginar, ajudar a imaginar e, imaginando, alcançar um novo lugar.

No contexto do Teatro do Oprimido, a imaginação de uma outra realidade possível parte do entendimento de si enquanto oprimido e/ou opressor, para a partir disso, ensaiar novas formas de ser e estar e romper esses ciclos opressivos. Entender-se em uma dessas posições, ou em ambas, é o primeiro passo para que ocorra uma mudança e, a partir do que desenvolvemos, observou-se, acima de tudo, o reconhecimento e a vontade de mudar.

A experiência realizada nesta instituição psiquiátrica, durante esse período de 7 meses, nos presenteou com novas percepções individuais e coletivas, outras formas de relacionar-se, enxergar o outro e olhar para si mesmo. Percebemos o rompimento de ciclos opressivos que cotidianamente era a realidade dentro dos setores de internação, percebemos a reformulação das atitudes, do pensamento e a quebra de preconceitos tão estruturais.

Além dos relatos diários do quanto o teatro ali feito “muda o dia e a cabeça” de cada pessoa, é no brilho no olho, no sorriso apreendido outra vez e na alegria a cada encontro que encontramos de fato o resultado dessa prática, que é qualitativo, porque é de humanidade que falamos e, portanto, nos importa a qualidade desta vivência.

Assim sendo, eu falo de qualidade quando um participante que nunca teve interação com teatro na vida (pois não pode, não quis, não conseguiu ou sequer teve chance de pensar em teatro) pergunta quando será a próxima aula. Quando esse mesmo, diz o quanto foi bom fazer aula de teatro. Quando uma fila se forma no portão, pois a minha voz foi ouvida subindo pelos corredores. Quando um homem carregado historicamente de padrões machistas coloca uma saia e faz a maquiagem para interpretar uma personagem feminina, com seriedade pois está atuando. Quando os preconceitos cedem espaço para o abraço. Quando, em todas as vezes, fizemos Teatro do Oprimido, mesmo sem fazer.

REFERÊNCIAS

AMARANTE, P. D. Saúde Mental e atenção Psicossocial. Rio de Janeiro, RJ: **Fiocruz**, 2007.

Augusto Boal e o teatro do oprimido. Direção: Zelito Viana. Produção: Zelito Viana, Vera Maria de Paula, Patrícia Chamon. Intérprete: Augusto Boal. Roteiro: Marcos Borges. Rio de Janeiro: Mapa Filmes, 2010. Disponível em: CurtaOn!. Acesso em: 2 de junho de 2023.

BOAL, Augusto. A estética do oprimido. Rio de Janeiro: **Garamond**, 2009. 256 p.

BOAL, Augusto. O Arco-íris do Desejo: Método Boal de Teatro e Terapia. Rio de Janeiro, RJ: **Civilização Brasileira**, 1996.

BOAL, Augusto. Jogos para Atores e não Atores (15 ed.). Rio de Janeiro, RJ: **Civilização Brasileira**, 2012.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas.** São Paulo: 34, 2019.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.** [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478.

CRISTINO, Nathali Corrêa. **Teatro e saúde mental:** uma investigação que relaciona autonomia, poder contratual e teatro do oprimido no contexto de um CAPS I. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro, **Paz e Terra**, 1992, 245 p.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17 ed. Rio de Janeiro, **Paz e Terra**, 1987.